



FILOSOFIA

com **Vivianne Catolé**

Francois Lyotard, Gilles Deleuze
e Gilles Lipovetsky

FRANCOIS LYOTARD, GILLES DELEUZE E GILLES LIPOVETSKY

JEAN-FRANÇOIS LYOTARD – O FIM DAS METANARRATIVAS

Filósofo francês, nascido em 1924 e falecido em 1998, foi um dos mais importantes filósofos da França na discussão sobre a pós-modernidade com a obra “A Condição Pós-Moderna”, publicada em 1984..

Lyotard escreve esta proposta para as sociedades Ocidentais e que estão em estágio avançado de desenvolvimento, e não para todas as sociedades. O campo é onde a plataforma do saber nas sociedades informatizadas atua, a partir dos anos 50. Com o avanço da tecnologia em geral, a transição dos saberes e de informações aumentam a cada momento, e se torna cada vez mais fácil o acesso ao saber, coisa que não era possível na era moderna. O transporte multissensorial de informações com imagens, sons, textos, mudam a forma de saber e como atua o corpo social. Com a queda das grandes metanarrativas da modernidade, e com o fim da reforma socialista, as credences e verdades absolutas tiveram o seu fim decretado.

“Simplificando ao extremo, eu defino o pós-moderno como incredulidade em relação às metanarrativas”, já que ele entende por metanarrativa algo como uma história unificada, completa, universal e epistemicamente certa sobre tudo. Isso é, os pós-modernistas rejeitam as metanarrativas porque rejeitam o conceito de verdade que as metanarrativas pressupõem. Os filósofos pós-modernos em geral argumentam que a verdade é sempre contingente ao contexto histórico e social, em vez de ser absoluta e universal, e que a verdade é sempre parcial e “em questão”, e não completa e certa.

Um exemplo de metanarrativa é a filosofia iluminista, que acreditava que a razão e seus produtos - o progresso científico e a tecnologia - levariam o homem à felicidade, emancipando a humanidade dos dogmas, mitos e superstições dos povos primitivos.

GILLES DELEUZE

“Vemos ao menos o que a filosofia não é: ela não é contemplação, nem reflexão, nem comunicação” – Deleuze & Guattari, O que é a Filosofia?, p. 12

Gilles Deleuze foi um renomado escritor e filósofo francês antirracionalista, nascido em 18 de janeiro de 1925, em sua residência de vida, em Paris.

O grande tema da filosofia de Gilles Deleuze é o pensamento. O exercício do pensamento e a possibilidade de novas formas de expressão do pensar percorrem toda a sua obra.

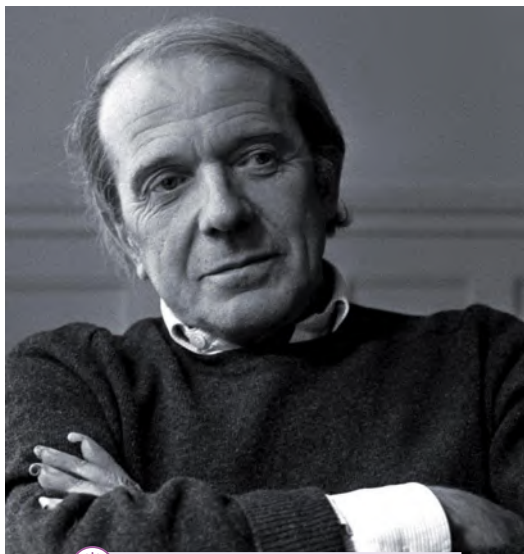
Deleuze propõe lidar com a criação de conceitos e com a produção de acontecimentos que os atualizem no perpétuo jogo entre virtuais e atuais. O filósofo torce a concepção de desejo entrelaçado com as ideias de Nietzsche, de vontade de potência, inventando outros jeitos de ser, pensar e viver,



Jean -François Lyotard (Foto: Reprodução/
Louis MONIER/GAMMA-RAPHO)

Fonte: Prabook. Disponível em: < <https://prabook.com/web/jean-francois.lyotard/1121003a>>.
Acesso em 2 maio. 2024.

intensamente atravessados por acontecimentos, intensidades nesses acontecimentos como experimentações. Trabalha esse acontecimento como uma processualidade da formação. A filosofia a que se propõe, que defende e buscou praticar é então constituída por três instâncias correlacionais: o plano de imanência que ela precisa traçar, os personagens filosóficos que ela precisa inventar e os conceitos que deve criar. Portanto, uma filosofia é examinada, em sua concepção, o que nos invoca dimensões de praticidade, de experimentação, um alento pelo que ela produz e pelos efeitos que causa.



Gilles Deleuze (Foto: Reprodução)

Fonte: Mubi. Disponível em: < <https://mubi.com/pt/cast/gilles-deleuze>>. Acesso em 2 maio.2024.

Os conceitos filosóficos são válidos na medida em que sejam verdadeiros, mas uma verdade regulada por interesses e importância. Salienta-se, ainda, pelo que eles provocam na prática e pela prática, assim como nos deixamos atravessar, afetar e atravessamos a produção desses conceitos, dessas ideias-experimentação. Nesse ponto, Deleuze nos instiga ao dizer, “não acredito naqueles que dizem ‘faça isso’; acredito naqueles que dizem ‘faça comigo’, enfim”. Também não se assumir como professor-profeta, que diz ao outro o que fazer e como fazer. Muito mais um professor militante, que, junto e a partir do de dentro, constrói coletivamente. É a esse Deleuze que nos referimos.

SOCIEDADE DE CONTROLE

“As sociedades disciplinares são aquilo que estamos deixando pra trás, o que já não somos. Estamos entrando nas sociedades de controles, que funcionam não mais por confinamento, mas por controle contínuo e comunicação instantânea” – Deleuze, Conversações, 220

Num artigo intitulado “Post-Scriptum sobre as Sociedades de Controle”, o filósofo Gilles Deleuze (1990) indicava alguns aspectos que poderiam distinguir uma sociedade disciplinar de uma sociedade de controle. As sociedades disciplinares podem

ser situadas num período que vai do século XVIII até a Segunda Grande Guerra, sendo que os anos da segunda metade do século XX estariam marcados por seu declínio e pela respectiva ascensão da sociedade de controle. Seguindo as análises de Michel Foucault, Deleuze percebe no enclausuramento a operação fundamental da sociedade disciplinar, com sua repartição do espaço em meios fechados (escolas, hospitais, indústrias, prisão...), e sua ordenação do tempo de trabalho. Ele chamou esses processos de moldagem, pois um mesmo molde fixo e definido poderia ser aplicado às mais diversas formas sociais. Já a sociedade de controle seria marcada pela interpenetração dos espaços, por sua suposta ausência de limites definidos (a rede) e pela instauração de um tempo contínuo no qual os indivíduos nunca conseguiriam terminar coisa nenhuma, pois estariam sempre enredados numa espécie de formação permanente, de dívida impagável, prisioneiros em campo aberto. O que haveria aqui, segundo Deleuze, seria uma espécie de modulação constante e universal que atravessaria e regularia as malhas do tecido social.

A sociedade de controle redimensiona e amplifica os pilares constituintes da sociedade disciplinar. Para Deleuze, a passagem de uma sociedade disciplinar a uma sociedade de controle, tem como estratégia fundamental esvaziar a imagem da sua virtualidade, para a tornar pura informação, parte dos dispositivos de vigilância e monitorização.

“A passagem da sociedade disciplinar à sociedade de controle se caracteriza, inicialmente, pelo desmoronamento dos muros que definiam as instituições. Haverá, portanto, cada vez menos distinções entre o dentro e o fora.” - Hardt, A Sociedade Mundial de Controle



Gilles Lipovetsky no Fronteiras do Pensamento, São Paulo 2017. (Foto: Greg Salibian)

Fonte: Fronteiras do Pensamento / Greg Salibian. Disponível em: < <https://www.flickr.com/photos/fronteirasweb/34822383540/>> Acesso em 2 maio. 2024.

GILLES LIPOVETSKY

GILLES LIPOVETSKY - nasceu na cidade de Millau, França em 1944. Filósofo, pesquisador e professor titular da Universidade de Grenoble (França). Referência em temas relacionados à moda e consumo na sociedade moderna, é autor de obras como “A

Era Do Vazio”, “O luxo eterno”, “A terceira mulher”, “O Império do Efêmero” e “Da leveza – Rumo a uma civilização sem peso”.

Em suas produções, o intelectual analisa o efeito do consumo na vida das pessoas. Suas argumentações oportunizam que assuntos como a individualidade humana, a evolução tecnológica e a preocupação pela sustentabilidade entrem em discussão. Estes temas caracterizam a **sociedade hipermoderna**: sociedade mais moderna que a própria modernidade. Os princípios fundamentais constitutivos da modernidade – a valorização do indivíduo e da democracia em primeiro lugar, a valorização do mercado num segundo plano e em terceiro a valorização da tecnociência – não foram substituídos, **apenas radicalizados**.

O homem da sociedade hipermoderna é um hiperindivíduo. Ele é mais responsável pela sua própria existência. Ele tem menos proteção coletiva, das instituições. Ele está mais entregue a si mesmo, o que implica ter de se buscar a si e se auto inventar. Portanto, ele está mais frágil. Essa noção de fragilidade é uma noção capital para melhor entender qual a face

desse novo indivíduo. Essa fragilidade tem uma medida que é o índice de suicídios, de depressão, de ansiedade, de consumo de medicamentos.

O IMPÉRIO DO EFÊMERO, A MODA E SEU DESTINO NAS SOCIEDADES MODERNAS (2009)

Todo o consumo está ligado à moda: os objetos, a casa, a decoração, as viagens, o lazer, o esporte. Nós estamos em uma época de explosão da moda. Não devemos apenas considerar a velocidade da moda. Há também uma multiplicidade. Já não temos uma única moda, temos várias ao mesmo tempo. De um lado perdemos liberdade, mas de outro temos maior liberdade

A moda e o consumo ditam valores que ocasionam a busca pelo “novo”. Esta busca é impulsionada diretamente pelo avanço da globalização e internet.



O consumo é a maracujina do mundo moderno.(Foto: Reprodução/Rogério Brum)

Fonte: Márcia neurótica. Disponível em: < <http://www.marcianeurotica.com.br/2010/10/tirinha-diaria-026-psicopatia.html>>. Acesso em 2 maio.2024.



Anote aqui



Estamos juntos nessa!



CURSO
FERNANDA PESSOA
ONLINE

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.